

A FUNÇÃO SIMBOLIZANTE DA CRECHE NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO BEBÊ. A CONQUISTA DO EU E DO MUNDO¹

ISABEL DA SILVA KAHN MARIN²

Do ‘*Cadê mamãe?! Achou!*’ ao ‘*Achei!*’

Tantos conhecimentos acumulados sobre creche, a compreensão de que esse espaço é um direito da criança e não um mal necessário, referenciais curriculares interessantes norteiam projetos educacionais para a primeira infância. Muitos trabalhos importantes em psicanálise vêm sendo desenvolvidos em torno do educar, cuidar, prevenir e do papel da creche na subjetivação dos bebês (Mariotto, 2009; Carvalho, 2001; Baptista, 2002; Aragão, 1994, 2001)³. Nessa perspectiva a creche é compreendida como representante do campo do Outro, reino simbólico da linguagem e da cultura, elemento fundamental para o advento da constituição subjetiva. Vários são os psicanalistas que promovem a formação de educadores, que contribuem na sistematização e no desenvolvimento de projetos educacionais interessantes na primeiríssima infância no sentido de sustentar e promover o desenvolvimento saudável das crianças, garantindo sua singularidade e autonomia. São tantas as experiências e sistematizações importantes que, ao me debruçar sobre elas, resolvi compartilhar com o leitor desse texto algumas reflexões sobre o que ainda faz questão em relação à importância da creche.

Como o psicanalista pode contribuir nessas reflexões? Insisto nessa pergunta porque algo nos escapa! O que insiste como conflito e dúvida quanto ao valor desse espaço? Muitas são as questões em torno desse tema. A começar pela aceitação e pela defesa do espaço educacional para bebês: mal necessário? Feito para a pobreza? Historicamente iniciou-se o atendimento a crianças pequenas oriundas de contextos vulneráveis, pobres (séc. XVII e XVIII - *Charity schools*, *Écoles petites*, ou mesmo creche-manjedoura). Importante lembrar que, nessa época, a escola também era para poucos e, de certa forma, crianças em situações vulneráveis permitiram o desenvolvimento de projetos educacionais e pesquisas interessantes - Pestalozzi, Montessori, Freinet e mesmo Lóczy. Parece que quando não é possível estar com as famílias pode-se pensar em alternativas. Que imaginário é esse que privilegia a mãe, o colo da mãe, como fundamental para garantir o desenvolvimento das pessoas? Imaginário? Condição mesmo para a constituição subjetiva? São questões que nos cercam... temas que nos convocam, como *continuidade e permanência nos cuidados*. Só mãe garante? Tentações que nos levam a questionar, pesquisar... Sabemos que as questões sócio-político-culturais influenciam sobremaneira as concepções sobre o que é um bebê, sobre quando e como devem acontecer suas relações com o mundo ampliado, sobre noções de cuidado e definições de projetos educacionais.

Insisto: e a psicanálise, o que tem a nos dizer? A metapsicologia e a clínica (ampliada) nos trouxeram referências fundamentais para a compreensão de como se dá o processo de constituição subjetiva do bebê, problematizando inclusive como ele poderia acontecer no contexto de uma creche. O fato de as mães terem que trabalhar

ou a vulnerabilidade de determinadas famílias é que parecem justificar a creche. O direito da mulher ao trabalho, conquista do feminismo, seria uma violência às necessidades do bebê? Qual a idade certa para os bebês se beneficiarem dos espaços coletivos? Só a partir dos 3 anos, alguns defendem: “quando já sabem falar e podem contar o que se passa com eles”. Muito embora as configurações familiares sejam muito variadas em nossos dias, em que os pais participam e contribuem com os cuidados aos bebês, a referência à mãe ainda domina. Observa-se com muita frequência hostilidade das educadoras em relação às mães. Importante observar na história (não pretendo me estender aqui) que os momentos nos quais se avançou e se implantou propostas educacionais na atenção às crianças pequenas correspondem, de certa forma, a momentos nos quais as mulheres foram forçadas a trabalhar, ou puderam brigar pelo seu espaço no mercado de trabalho e havia condições para isso. Se o colo da mãe não é possível, pensa-se alternativas e cuida-se para que as necessidades das crianças sejam atendidas....

Meu trabalho pretende discutir a função simbolizante da creche. Opção que talvez pareça óbvia: a creche como transmissora da cultura contribui para que a criança, através do brincar, se prepare melhor para falar, aprender a ler, etc. etc.... Mas, nesse trabalho, pretendo retomar a noção fundamental para a psicanálise da *função simbolizante do objeto*. E, de certa forma, retomar a função do objeto nos processos de simbolização primária a partir das indicações freudianas sobre a questão da representação. Freud, no *Projeto para uma Psicologia Científica*⁴, aponta a função de para-excitação do objeto materno na constituição psíquica, dando um contorno às intensidades pulsionais e auxiliando o infante a ter acesso a um ritmo e a uma temporalidade através do inter-jogo entre presença/ausência e continuidades/descontinuidades. Coloca-se, portanto, a necessidade da presença do objeto no início da vida, para que sua ausência possa ser representada. A creche poderia se constituir nesse espaço, quando a mãe não está presente? Em quais condições? Poderia se oferecer como objeto para permitir continuidade e permanência, ser referência para família que a busca, sustentar a separação entre o bebê e sua família, e oferecer condições para simbolizar o objeto perdido, se constituindo como “objeto”? Como poderia evocar os primeiros tempos, os repetidos não encontros em relação à mãe, oferecendo palavras que possam representar o vivido e perdido? Fiel à tradição freudiana, Roussillon (1997)⁵ nos lembra que “para simbolizar o objeto, deve-se suportar sua ausência e aceitar fazer uma espécie de luto primário”. Lembro da tradicional canção “Mamãe foi pra roça, papai foi trabalhar...”, mantras possíveis para creche?

Coloca-se então o desafio para que os educadores sejam capazes de sustentar o enigmático fantasma de quem seria a mãe para o bebê - uma continuidade imaginária... Sugerimos então como alternativa que a creche seja capaz de se constituir num espaço potencial, que garanta a transicionalidade mãe/bebê para bebê/mundo, no qual o bebê seja sujeito... num tempo no qual espacialidade e temporalidade ainda são marcadas por ritmicidade, alternância consistente de presença-ausência, que garantam a permanência, condição para o sentimento de existência. Nesses tempos primordiais, quem é objeto, quem é sujeito? Só o bebê

está em constituição??? Quem é a mãe/família que deixa/opta pela creche? Como o educador que recebe esse bebê entende sua função? Mãe substituta? Impossível, mas muitas vezes compreende-se que isso seria o desejável, mesmo que já tenhamos trabalhos que relativizam essas concepções - função materna, não exercida necessariamente pela mãe (Haddad, L.; Baptista, V. M.⁶); creche como função terceira (paterna) - representando o Outro, função simbólica, (Carvalho, T.⁷, Mariotto, R.⁸), concepção com a qual, até certo ponto, concordo. Mas, ainda assim, para alguns educadores assumirem sua função precisam considerar a mãe inapta, insuficiente... na melhor das hipóteses, 'coitada, tem que trabalhar'. Felizmente tais concepções são bastante criticadas e a lei, garantindo a creche como direito da criança, prevê na sua organização o momento de adaptação no qual a transicionalidade, o tempo necessário para que o ritmo presença/ausência seja trabalhado e representado de forma construtiva pela criança.

Entretanto nossa prática constata como essa adaptação não é garantida, como se procura disfarçar a ausência da mãe, distrair o bebê com atividades, suportando-se mal o choro e as manifestações de angústia da criança. Normalmente, convoca-se aí o psicólogo para lidar com as crianças que expressam sofrimento, agitação, agressividade, que não se adaptam à rotina que tão competentemente foi pensada para preencher o tempo - com atividades estimulantes, numa disciplina amorosa e atenta às necessidades do desenvolvimento infantil. Posso parecer irônica nessa descrição, mas não o pretendo ser. De fato, temos propostas muito interessantes e consistentes aos parâmetros estabelecidos pelos conhecimentos atualizados às necessidades dos bebês. A família contemporânea, que se constitui como referência afetiva primordial para a constituição subjetiva, não dá conta, por outro lado, da complexidade de exigências que a sociedade coloca, como as ofertas de estimulações e as opções para que o bebê desenvolva suas competências rumo à autonomia e liberdade, projeto pessoal almejado. Entendemos que a terceirização dos saberes se constitui como alternativa para os pais que se sentem impotentes para atender tantas demandas. Por outro lado vão atribuir, a esses terceiros, funções que pareciam estar submetidas a um projeto afetivo familiar, íntimo, privado, já que dizem respeito ao corpo: higiene... asepsia que dessexualiza o sujeito - e penso que aí corremos o risco de 'confusões de línguas', parafraseando Ferenczi⁹. Digo isso pois sabemos que o cuidado para com os bebês remete ao selvagem, ao sexual, apesar de revestido pela imagem idealizada da pureza dos anjinhos. São cuidados que mobilizam nosso recalcado, os primórdios onde caos ou ilusão de nirvana imperam.

Pretendemos problematizar justamente essa questão, propondo como a psicanálise pode contribuir no dia a dia da creche. Dar suporte para o *unheimlich* mobilizado no atendimento e cuidado aos bebês. Sobre eles projetamos nosso desamparo, sexualidade e agressividade recalçadas. Spitz já falava de como os bebês reativam as fantasias a que as mães tiveram que renunciar: "Suas relações com o filho mobilizam todo equipamento de dispositivos oferecidos pelos mecanismos de defesa; ela irá negar, deslocar-se, virar do avesso, escotomizar, reprimir, e seu comportamento em relação a atividade 'inocente' do bebê variará, de acordo com isso" (Spitz¹⁰, 1979, p.122). Não penso que isso é diferente para qualquer pessoa que cuide de bebês,

como discute Guerra, em relação à reativação do Complexo do Arcaico do cuidador (Guerra¹¹, 2013). Talvez isso explique a disputa entre educadoras e mães, onde uma projeta na outra os descuidos aos bebês... A ilusão de uma relação total, sem sofrimentos, incertezas, é permanentemente evocada, na expectativa de se garantir a felicidade e saúde do bebê.

E seguimos com mais uma questão problematizada nessa escrita: o que entendemos como continuidade, permanência? A observação dos primeiros encontros entre mães e seus bebês recém-nascidos, a análise dos acalantos apontam contundentemente para os jogos sutis e ambivalentes de aproximação e distância, reproduzindo através de vocalizações, gestos e mímicas o terror/fascinação que a vida anuncia. Suportar o hiato entre sujeito e objeto, o vazio, o incerto que retorna com o desamparo fundante do ser humano em sua radical dependência do outro. É sobre essas marcas que o processo de simbolização acontecerá. Se a tentativa de reencontrar o objeto não for entendida como mensagem, ela perde seu valor de símbolo. Para isso é importante que o objeto se deixe usar, mas que também suporte os afastamentos, os gritos ou sussurros, murmúrios expressos por um psiquismo nascente. Freud já anunciava que os primeiros registros da experiência subjetiva se dão de forma complexa, enigmática, multi-sensorial misturando a parte do sujeito e a parte do outro, excitação interna e externa, sensação e representação. São registros que provocam tensões e dificuldades significativas que justificam essa reflexão expressa no título desse trabalho sobre a função simbolizante da creche: a importância de se criar um ambiente que dê sustentação para as enigmáticas manifestações dos *infans* - aqueles que ainda não têm fala - evitando a tentação do aquietamento, do enquadramento em psicopatologias, permitindo a construção de narrativas que transformem suas vivências em experiências comunicáveis. Contribuir para que o infante elabore sentidos, encontrando imagens, ritmos, palavras que expressem suas vivências. Para que isso aconteça é fundamental que o Outro primordial (mãe, educadora, etc.), possa evocar seus temores, expectativas, sonhos, acolhendo esse chegado, ousando construir teorias e criar uma linguagem que dê sentido a esse encontro do sujeito com seu mundo.

Pretendemos assim resgatar a importância de instalar um circuito para simbolização, não na perspectiva de interpretar precipitadamente para preencher, calar, aquietar e/ou pacificar, mas sim de permitir a construção de narrativas que transformem as vivências em experiências comunicáveis. Simbolização não apenas na perspectiva da criança que escuta e vai elaborar, dar sentidos, encontrar palavras, imagens, ritmos que expressem suas vivências, que até então estão aprisionadas em seu corpo, como também para o Outro primordial poder evocar seus temores, expectativas, sonhos, e convidar o bebê para o mundo. Cuidar do surgimento das palavras, da sua afinação com a experiência vivida, de seu vigor e sentido; cuidar do ouvir, balbuciar, murmurar, falar, cantar, contar e do silenciar. Enfim, cuidar da experiência inicial com a palavra é condição para o desenvolvimento pleno deste ser simbólico que é o homem. Silvia Machado¹² propõe pensar “puericultura: abrangendo as ações de cultivo da palavra e da poesia com a criança pequena”... Recorrer à etimologia é interessante. Cultura, *colo*, do latim: o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar.

Termo referente tanto às labutas do solo, agricultura, quanto ao trabalho feito no ser humano desde a infância. Também do latim *collum* se origina colo (pescoço), territorialidade da mãe (cuidadora) que cuida... Colo: braços que sustentam; seios que alimentam as cordas vocais que vibram e a caixa torácica que ecoa acalantos, palavras, sons calorosos, palavras carregadas de sentimentos, pressentimentos, desejos e receios maternos. Colo, espaço do corpo propício à cultura. Mãe intermediadora de cultura transmite elementos do anterior para o posterior, do mundo pré-existente ao filho, mas também o inverso, do filho para o mundo. Porta voz do filho pequeno, penetra seu mundo interior e traduz suas necessidades, seus sentimentos, distingue receios de desejos. Embala-o com textos de terror e ternura expressando a ambivalência e as angústias desse processo. Suporta e dá suporte para o até então inominável: vazio, ruptura, desamparo.

Nas palavras de Regina Aragão, retomar a noção de parentalidade como trabalho de domesticação da estrangeiridade do bebê (2008¹³). Ou seja, “assumir que o bebê se encontra em um ambiente que pensa, apoiado no pensamento de muitos outros que acreditam que ele pensa”. Nessa perspectiva, não há ruptura entre mundo pré-verbal e o dos nossos discursos. Há uma continuidade metamorfoseada pela palavra, nos diz Cyrulnik¹⁴(2003). Devemos portanto ser capazes de encontrar muitas palavras para ir de encontro ao bebê e sustentar um corpo que grita, para que se transforme no sujeito que faz cultura. Poderíamos também falar em *preocupação cuidadora primária* (Ciccone¹⁵). Cuidar de um bebê é escutar um corpo que pulsa, que está inquieto à busca de investimento e calma. Para isso se deve ousar construir teorias e criar uma linguagem que dê sentido a esse encontro do sujeito com seu mundo. Deve se dispor a brincar com o bebê - caras e bocas que evocam o encontro seio-boca permeado de balbucios, *manhês* que marca o ritmo do encontro/desencontro. Deve-se suportar as incertezas e apostar num destino imprevisível, ao qual não se controla. Mas para isso é preciso se estar apoiado por uma rede social significativa, onde se encontra eco para temores e incertezas. Dessa forma propicia-se um espaço onde as histórias podem ser vividas e compartilhadas, criando-se o laço social e permitindo que esse bebê se sinta acolhido pela sua comunidade e parte de sua cultura. São as condições necessárias para que deixe de ser *infans*: recuperar/desenvolver a capacidade de falar; capacidade de rir e brincar.

E porque não pensar esse processo na creche? Por quais motivos não se considera a creche essa rede? A lei prevê isso, creche como um direito da criança, mas ainda assim se pensa a mãe como culpada, ou coitada. Essa condição se constituiria como dramática para a constituição subjetiva do bebê? Sabemos que se assim for sentido pela mãe, ela perde muitas vezes a capacidade de *rêverie*, de pensar sobre seu bebê. Se o cuidador que estiver com esse bebê pensar assim, também! Por isso mesmo, deve-se dar suporte para que a partir desses dramas se possam construir narrativas, histórias que permeiam a sustentação a esse bebês, sem ter medo do inesperado, do choro, do movimento brusco, da fragilidade, dos por quês... e principalmente, sem ter medo dos sentimentos de impotência que isso suscita, mobilizando afetos de raiva, violência, tentação de apagamento. Essencial então conhecer e acolher a família que chega... Não apenas o roteiro habitual - ficha médica e social ou até

mesmo uma anamnese mais cuidadosa sobre as características do desenvolvimento emocional do bebê. Sem dúvida são informações importantes para se conhecer a criança que chega e estabelecer condições mínimas de continência, continuidade nos cuidados. Mas tão importante quanto isso, não seria buscar compreender o que está sendo pensado para o bebê? Qual o projeto colocado pela família para a creche? Como se está vivendo essa primeira ruptura na relação mãe/bebê? É uma entrega que destituiria a mãe/família do saber sobre o bebê, da rotina que garantia o sentimento de existência desse sujeito para uma rotina especializada que fará uma estimulação mais adequada, que se encarregará de ensinar os códigos necessários para a vida social? Rompe-se a continuidade e a permanência? Não se pode perguntar *cadê mamãe*, porque aqui na creche é muito legal, cheio de brinquedos e certezas? O desmame, o desfralde serão marcas no corpo destituídas do traço primeiro identitário, dos códigos afetivos, da sensorialidade que marca uma continuidade interrompida num ritmo previsível e reencontrada, pelo cheiro, voz, etc... mas garantidas pelo especialista asséptico perfeito?

Será esse o luto do objeto que permitiria simbolização? Sabemos que não. Então a função simbolizante que a creche deve assumir para a família que a busca é fundamental... Qual o sentido que a creche tem para esses pais? Ensinar a por limites-alimentação-desfralde... mãe tem que trabalhar, se preparar para a vida, buscar cuidados mais qualificados, etc. Quais temores, quais competências, quais marcas subjetivas são acolhidas, para que o bebê possa sim - ao fazer o luto do objeto primordial -, encontrar sentidos para os hiatos que se criam, mas que podem ser compartilhados? Defendemos que os cuidados compartilhados entre família e creche possam se constituir numa continuidade previsível e simbolizável. Como pensar e propor a participação ativa dos pais frente à adaptação? Roussillon nos lembra que a simbolização produz sujeito, produz subjetivação, que ela não anula a experiência, muito embora ela recalque a experiência original, que sempre deixa um resto, não simbolizável, não elaborado. Sabemos que vai sempre sobrar angústia, dúvida, ataques - da criança, da família. Mas nos primórdios da subjetivação, esses restos são mal tolerados, vividos como dejetos ameaçadores do processo. Por isso mesmo o psiquismo precoce precisa de um objeto que trate desse resto e que possa sobreviver a ele - mãe ou educador -, pois as primeiras formas de simbolização não podem se manter sem intervenção de um objeto.

Talvez aí incida de forma importante a escuta do psicanalista na creche para suportar os restos... do bebê, do educador que não dá conta, da família que se sente impotente, culpada e fracassada...

O que mamãe conta e canta? Como mamãe cuida, troca, faz dormir? Como nos aproximamos das representações? Como suportar as manifestações de surpresa, novidades nos comportamentos de sono, alimentação, padrão de comunicação que o bebê terá tanto na creche quanto em casa, sem ser fracasso, patologia, ineficiência... e sim manifestação de um sujeito que se diz, que representa o que está sentindo e compreendendo do mundo? Um bebê que estranha estar em outro ambiente, que atua a falta de sua mãe, busca simbolizar essa vivência... através do corpo, da brincadeira,

mas que se puder ser compreendida como mensagem, adquire o valor de manifestação subjetiva. Escutar a família, seus temores, suas crenças, suas formas de interpretar seu bebê poderá suscitar muito estranhamento, horror mesmo. Mas, e se forem precocemente caladas pela certeza de uma tecnologia correta sobre como cuidar dos bebês? Provocarão uma ruptura no sentimento de continuidade, que dificultará certamente o processo de simbolização, tal qual estamos entendendo aqui.

“A fabricação de uma narrativa sobre si próprio preenche a vida de nossas origens que perturbava nossa identidade. Constrói-se uma imagem, dá-se coerência aos acontecimentos, repara-se uma ferida injusta”¹⁶. Mas um relato não compartilhado rasga as relações. Para uma pessoa esburacada na sua identidade deve-se, primeiramente, agir sobre as narrativas do meio ambiente para preparar esse meio a escutar os relatos íntimos, tão difíceis de serem ditos. Não se pode falar a qualquer hora em qualquer lugar ou de qualquer forma. Nossos relatos de nós mesmos devem se harmonizar aos relatos dos contextos, alerta também Cyrulnik. Por isso mesmo, é muito importante dar sustentação para os afetos que são mobilizados nos trabalhadores da creche quando escutam uma família ou, até mesmo, quando tomam conhecimento da história de determinada criança. Imaginar uma família ideal, amorosa, totalmente disponível para seus filhos, oferece um reassseguramento narcísico, que é ameaçado permanentemente nos encontros imprevisíveis com o outro, mobilizando nosso desamparo fundamental. Se o encontro do educador com o bebê - que ocupa um lugar idealizado de perfeição (um anjinho assexuado e desprovido de maldade) - não for perfeito, a projeção da culpa sobre a família, que supostamente não dá conta de seus filhos, se torna um mecanismo poderoso.

Talvez isso explique a resistência que as creches têm em chamar as famílias, estabelecer parcerias, embora os discursos oficiais sejam esses. Teme-se chamá-las para que supostamente não se frustrem com seus filhos (porque vão puni-los ainda mais), por não se ter o direito de invadir a privacidade (porque não adianta), etc. etc. Espera-se a criança fracassar, a família desistir e, eventualmente, só no último ano da creche, quando a criança terá que enfrentar o ‘mundão’ da EMEL, é que se pensa que algo deve ser feito, pois não terá mais nossa proteção... que era até então negar dificuldades, superproteger... A criança muito quieta, que adocece, falta, fica ensimesmada... deixa-se passar - ou por alívio ou por angústia. Ou então deixa-se uma criança que é agressiva, que morde, à mercê do grupo controlar, das crianças se afastarem, de observá-la prevendo seu comportamento, mas sem intervenção.

Sabemos o quanto a situação de desamparo é provocada quando existe um excesso de excitação que não pode ser simbolizado, levando o sujeito a se sentir à mercê de suas forças pulsionais. Freud aponta a fundamental importância da intervenção de um objeto que contenha a situação em sua função de pára excitação. Objeto que suporte a distância, o hiato e que não sucumba à tentação da indiferenciação, calando o bebê ou se ensurdecendo a ele. Um objeto que se deixe utilizar, para permitir a simbolização, que sobreviva aos ataques do bebê, pois é grande a tentação de fixar-se no indiferenciado, de ficar colado ao objeto, incorporá-lo. Entupir os bebês de comidas, ou mesmo de atividades sem sentido, a TV ligada em som alto, despejar

brinquedos, oferecer chupeta e horas de sono são mecanismos para tamponar a falta, negar o contato com o vazio, a espera. Não se pode nem mesmo evocar mamãe. Mas sabemos, paradoxalmente, que a espera, a distância, a ausência, são condições para simbolização e que a simbolização desses hiatos é condição para subjetivação.

Se nos estendemos nessa compreensão é para fundamentar a absoluta importância de os educadores conversarem com seus bebês enquanto deles cuidam, assim como damos importância às tão conhecidas cantigas, historietas, brincadeiras rítmicas com a boca e o corpo, as parlendas que anunciam as bordas - janela, janelinha, as repetições - 1, 2, 3 e... já! Tudo isso que compõe os conteúdos curriculares das creches, organizados nas rodas, etc... Permitir a criação de *objeux* (Roussillon, 2012)¹⁷, de *objetos tutores* (Guerra, 2013)¹⁸. Oferecer um pano de fundo rítmico previsível, de permanência, buscando garantir a continuidade para o sentimento de existir do bebê. Mas que, com certeza, essas atividades não calarão as crianças, não as deixarão imóveis, para tristeza de muitos/as educadores/as, que questionam o sucesso da programação pedagógica.

Abro um parêntese para lembrar da tentação contemporânea em controlar o sofrimento a todo custo, não suportar a espera, a imprevisibilidade, não sendo privilégio da creche, portanto. Cala-se o bebê com não apenas a chupeta, traquitanas incríveis, estimulações de toda a ordem, música clássica pra acalmar, carrinhos que embalam num ritmo perfeito, linguagem de sinais para acelerar a fala... A ritmicidade, as rupturas significativas dos encontros/desencontros são substituídas pela previsibilidade e o instantâneo. Como psicanalista, parece-me fundamental entrarmos em cena aí, contornar angústias, trazer novos sentidos para o vivido no dia a dia com os pequenos, escutar os educadores... quais fantasmas são avivados? De quem? Aprendemos que o sentido da experiência subjetiva vivida não nos é dado imediatamente. Esse é o drama humano. Como nos aponta Roussillon, há uma espécie de hiato de identidade de si a si próprio, o que faz com que não nos apropriemos imediatamente de nós mesmos. Esse afastamento, essa espécie de não imediatez de si para si, de sua identidade, de seu vivido, torna necessário - indispensável - o trabalho de simbolização, que é o trabalho de colocar um sentido, apropriação subjetiva do primeiro vivido (Roussillon, 1991, 1997, 2001)¹⁹.

Fundamental propiciar situações onde o bebê possa se movimentar. A atividade livre transforma a excitação em movimento, organiza a imagem corporal, integra a experiência emocional e contribui para a elaboração criativa dos fantasmas. Jogos de aproximação/distância que permitem uma gama de possibilidades relacionais, indispensáveis para que as experiências psíquicas emocionais sejam vividas. Ajuriaguerra²⁰ aponta que o diálogo tônico postural permite tanto a identificação quanto a destruição dos objetos, constituindo-se como suporte para a ambivalência. Gostaria também de apontar para a importância do testemunho. O brincar convoca o olhar do outro, e esse é um grande desafio para o educador na creche, que tão frequentemente “abandona” as crianças com seus brinquedos, muitas vezes intervindo “apenas” quando alguém se machuca. Os jogos do bebê com seus cuidadores, desde os primórdios, garantirão a continuidade de sua constituição

subjetiva, desde que produzidos e sustentados nesses laços, como temos apontado. Marcarão as bordas e os contornos dos corpos, delimitarão as nuances sensoriais, atenuando as rupturas e surpresas, causando descontinuidades, mas sempre previsíveis. De uma certa forma vão permitir suportar o corpo a corpo perdido. Há, necessariamente, uma provocação mútua, senão não há jogo. O prazer é compartilhado e evocado pelo adulto que atribui sentidos... Lembremos que a criança do *Fort-Da* brincava na presença do avô. Representava a ausência da mãe - que foi trabalhar -, do pai - que foi para a guerra. Ensaia a destrutividade de uma forma potente - a cena traumática era repetida e o ritmo da brincadeira, mediado pelos sons (ôoo, áaa), testemunhado pelo adulto, simbolizava o hiato produzido pela falta do Outro primordial... O brincar de esconde-esconde que não termina nunca mais, é testemunho desse processo: você me encontra? Eu posso existir sem a sua presença? Um pouco depois se institui o jogo simbólico propriamente dito, onde a criança está ensaiando seu lugar, descobrindo a si e ao mundo, encenando seus ideais e frustrações. É, portanto, função da creche esse testemunho: de um cuidador que não apenas assiste ao corpo, que disponibiliza objetos para as crianças serem estimuladas, para aprender a falar e a se preparar para a alfabetização... Como se o simbolizar estivesse sempre depois - num outro tempo/momento, e não na atribuição de sentido, para que cada manifestação do sujeito já tenha valor de mensagem.

Importante considerar, para se compreender tais atitudes, que o bebê é muito diferente do imaginário que o representa como frágil e dócil; considerar que, com seu corpo, vira pelo avesso a ordem das coisas, subverte o sentido de uma história e, ainda, pode mudar a direção de certas situações com seu poder de imaginação, sua fantasia e criação. As crianças, particularmente as pequenas, conhecem o mundo desestabilizando-o. Acabam como que por recriar, nos ensina Benjamin (1987)²¹, a história da barbárie, reconstruindo-a com destroços e reinventando a esperança. Elas vão assim construir sua história, retomando as relações e circunstâncias que as levaram a estar ali, questionando sobre seu lugar no mundo e sobre as regras que regem sua organização. Construir torres, destruí-las, bater na boneca, dar-lhe carinho, fazer e desfazer casas, jogar repetidamente objetos, rasgar, quebrar brinquedos, desmontá-los, chorar, brincar de *cadê/ achou... cadê mamãe???* Benjamin comenta que a essência do brincar é “fazer sempre de novo”... e não como se esse “de novo” fosse a transformação da experiência mais comovente em hábito.

Mas uma questão recorrente nos espaços educacionais refere-se à dificuldade de se sustentar espaços de brincadeira. É frequente encontrar-se armários repletos de brinquedos, aos quais as crianças não têm acesso ou então ouvir de educadores que as crianças não sabem brincar, destroem os brinquedos. Evoca-se bastante a função criativa do brincar, mas enfatiza-se pouco o seu potencial revolucionário. As crianças disputam os brinquedos, ensaiam potências, ultrapassando limitações. Da mesma forma que sofrem, também triunfam. Mas como o fazem em atos, isto acaba por tornar-se insuportável se não houver sustentação para os adultos. Compreender essa dinâmica é fundamental para que se garanta a experiência humana essencial que é o brincar. Ainda uma observação para as creches cumprirem sua função simbolizante é que permitam que os bebês deixem suas marcas. A creche deve oferecer suportes

para que a criança expresse, impresse suas sensações, vivências... da extensão de um corpo à projeção no papel - garatujas, manchas, borrões que vão adquirindo sentido, testemunhos da interpretação que o bebê tem de seu mundo (interno-externo): marcas da intersubjetividade.

Para finalizar gostaria de enfatizar que o posicionamento ético - essencial nos encontros humanos que se propõem ao cuidado -, pressupõe que, para colocar em ação a capacidade de nos tornarmos continentes, é preciso estar aberto ao desconhecido. Ou seja, é o encontro com a parte estrangeira de si próprio, o infantil, o desamparo, a hostilidade, as paixões recalçadas. Para Lévinas, acolher é sempre o encontro de um rosto estrangeiro, o risco de um encontro com o Outro, a alteridade radical (*apud* Mellier, 2004)²². Portanto, há necessidade de uma receptividade absoluta para receber essa alteridade, essa parte estrangeira de si mesmo. Importante lembrar o quanto o bebê suscita, no adulto cuidador, sentimentos de desamparo e impotência - nossas agonias primitivas impensáveis, frente à fragilidade e ao medo do abandono, e o medo de não ser capaz de dar conta das demandas incessantes e, muitas vezes, enigmáticas do bebê. Todo bebê que vem ao mundo marca um momento inédito, apesar de toda herança que carrega, é por assim dizer, um estrangeiro que pede acolhimento em sua cultura para poder ser civilizado. Evidenciam-se assim os riscos e as tentações de se projetar no bebê todo desamparo. Penso que muitas vezes o discurso que justifica a creche pelas carências sócio-culturais da família, somado ao discurso culpabilizante em relação a essas mesmas famílias consideradas como desestruturadas, das quais se foge ou se evita convocar - supondo que aguçariam sua agressividade contra a criança ou que não seriam capazes de compreender ou ser diferentes -, são também defesas frente ao nosso *unheimlich* que pode se tornar insuportável, levando ou a situações de agressividade ou, ao contrário, a uma empatia exagerada para se opor ao irrepresentável, ao impensável e à impotência. Isso pode se tornar ainda mais agudo no atendimento aos bebês que, como aponta Victor Guerra (2013)²³, mobilizam os registros arcaicos do adulto cuidador.

Essas reflexões nos levam a dizer que o trabalho do educador só é possível se forem garantidas condições de reflexão, como por exemplo a supervisão, para que haja suporte à alteridade, aos estranhamentos, à potência criada em cada encontro. Só assim trabalhar-se-á na direção de perceber que o outro (criança, família) não está a serviço do narcisismo do cuidador ou mesmo da creche tão bacana, cativo de sua demanda de amor, de sua proteção, da “boa vontade”. Um encontro que não se sustente apenas na compaixão, no amor e que permita que a criança se afirme, a partir de suas competências, resgatando aquilo que lhe é de direito - descobrir e se posicionar no mundo: “Achei!!!” (a mamãe, o amigo, a professora, o brinquedo novo, respostas para minhas perguntas, etc. etc....)

¹ Texto preparatório para apresentação no Simpósio III: Alargando as Fronteiras da Família, no III Encontro Internacional e X Encontro Nacional Sobre o Bebê, realizado pela Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê – ABEBÊ, que aconteceu na Puc-Rio, Rio de Janeiro, novembro/2015.

²Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica – PUC/SP; Membro diretor da ABEBÊ - Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia

Fundamental; Professora Doutora, pesquisadora e supervisora clínica/institucional do Curso de Psicologia da FACHS da PUC/SP nas áreas da infância, juventude e família; Supervisora clínica e institucional de profissionais envolvidos em programas de atenção a saúde, educação, assistência e justiça; Autora dos livros *Febem, família e identidade. O lugar do outro* (Escuta, 2010 – 3ª edição revisada e atualizada) e *Violências* (Escuta, 2002); Autora e co-organizadora com Regina O. de Aragão do livro *Do que fala o corpo do bebê* (Escuta, 2013); Autora de numerosos artigos em livros e revistas especializadas.

³MARIOTTO, R. M. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. S. Paulo: Escuta/Fapesp.

CARVALHO, M. T. V. de. (2001). *Creche: um elemento a mais na constituição do sujeito*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

BAPTISTA, V. M. F. (2003). *O infans, a creche e a psicanálise*. Dissertação (Mestrado em educação). Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo.

ARAGÃO, R. O. (1994) “Psicanálise e Educação: conflito ou conciliação?” In: Bucher, R.& Almeida, S. F. C. (Org). *Psicologia e psicanálise: desafios*. Brasília: Universidade de Brasília.

ARAGÃO, R. O. (2001) “O psicanalista na creche”. In: Camarotti, M. C. (Org). *Atendimento ao bebê*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

⁴ Sigmund Freud. (1895) “Projeto para uma psicologia científica”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

⁵ ROUSSILLON, R. “La fonction symbolisante de l'objet” In: *Revue Française Psychanalyse*, N.2,399-415, Paris,1997.

⁶ HADDAD, L. (1989). *A creche em busca de Identidade*. S. Paulo: Loyola.

BAPTISTA, V. M. F. (2002). *O infans, a creche e a psicanálise*. Dissertação (Mestrado em educação). Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo.

⁷ CARVALHO, M. T. *Creche: um elemento a mais na constituição do sujeito*. Dissertação (Mestrado em educação). Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo.

⁸ MARIOTTO, R. M. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. S. Paulo: Escuta/Fapesp.

⁹ FERENCZI, S. (1992) “Confusão de línguas”. In: *Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, vol. IV.

¹⁰ SPITZ, R. A. (1979). *O Primeiro ano de Vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes.

¹¹ GUERRA, V. “A ética dos cuidados: o complexo arcaico e a estética da subjetivação” (Trad. Antônio Romane), In: MARIN, I. K e ARAGÃO, R. O (orgs.). *Do que fala o corpo do bebê*, São Paulo: Escuta, 2013, pp. 37-48.

¹² MACHADO, S. A. P. *Canção de ninar brasileira: aproximações*. São Paulo: USP, 2012. 326 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada.. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2012.

¹³ R. O de Aragão. “Quem é esse bebê, tão próximo, tão distante?”. In: *Cuidados no início da vida – clínica, instituição, pesquisa e metapsicologia*. (org) L. M. Atem. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

¹⁴ CYRULNIK, B. (2003). *Le murmure des fantômes*. Paris: Éditions Odile Jacob, 2003

¹⁵ CICCONE, A. Anotações na palestra “A ritmicidade da experiência na criança” proferida no Simpósio I, do III Encontro Internacional/X Nacional Sobre o Bebê, realizado no Rio de Janeiro em 31 de outubro de 2015.

¹⁶ CYRULNIK, B. *Autobiographie d'un Épouvantail*. Paris: Odile Jacob, 2008.

¹⁷ Anotações das conferências proferidas por R. Roussillon em Simpósio organizado no IPUSP, em S. Paulo nos dias 26 e 27 de maio de 2012.

¹⁸ GUERRA, V. “A ética dos cuidados: o complexo arcaico e a estética da subjetivação” (Trad. Antônio Romane), In: *Do que fala o corpo do bebê* (orgs. Isabel Kahn Marin e Regina O. de Aragão), São Paulo: Escuta, 2013, pp. 37-48.

¹⁹ ROUSSILLON, R. *Paradoxes et Situations limites de la psychanalyse*. Paris: PUF,1991.

_____. La fonction symbolisante de l'objet. *Revue Française Psychanalyse*, N.2,399-415, Paris,1997.

_____. *Le plaisir de la répétition*. Paris: Dunod, 2001.

²⁰ AJURIAGUERRA, J.(1083) “De los movimientos espontaneos al diálogo tonico-postural y las actividades expresivas”. In: Texto Histórico. Tradução: Delia Maria de Cesare e Daniel Camparo Ávila. *Estilos da Clínica*. S. Paulo: IPUSP. V18, N.3, set/dez 2013.pp 613-625.

²¹ BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica. Arte e política*. S. Paulo: Brasiliense, 1987

²² MELLIER, D. *L'inconscient à la creche*. (Dynamique des équipes et accueil des bebês). Paris: Érès, 2004. (La vie

de l'enfant).
²³ GUERRA, V. *Op. Cit.*